



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República,
Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal Correio da Bahia
Publicada em 23 de março de 2009**

Jornalista: Quando a Ferrovia Oeste-Leste foi anunciada, ainda em 2007, a expectativa era que o primeiro trecho seria entregue até o fim de 2009. A obra, de importância estratégica para a Bahia, sofreu alguns atrasos e agora o começo das obras está previsto para junho de 2009 e a entrega do primeiro trecho para 2011. O governo confirma o começo das obras para junho e a entrega do primeiro trecho para 2011? A crise econômica pode ter algum impacto na construção da ferrovia?

Presidente: A Ferrovia de Integração Oeste-Leste, com a extensão de 1.500 quilômetros, ligando Figueirópolis, em Tocantins, a Ilhéus, na Bahia, foi planejada para ser construída com capitais públicos e privados. Como nesse momento as empresas privadas estão com certa dificuldade de captar financiamento, determinei à Valec, do Ministério dos Transportes, que assumisse o empreendimento. Para viabilizar, estamos nos antecipando e utilizando recursos públicos que seriam desembolsados somente no segundo semestre. Depois da elaboração dos projetos básicos, do Estudo e do Relatório de Impacto Ambiental neste primeiro semestre, vamos publicar em junho os editais de licitação e dar início, em agosto, às obras dos dois primeiros trechos, ambos situados na Bahia: Ilhéus-Caetité e Caetité-Barreiras, com a extensão total de 972 quilômetros. Quanto ao leilão de subconcessão, decidimos realizar no momento mais favorável, quando houver maior número de competidores, o que será vantajoso para os cofres públicos.

Jornalista: Em sua última visita à Bahia, o senhor chegou a cobrar do prefeito João Henrique a conclusão das obras do metrô, cujo primeiro trecho tinha



previsão de entrega para junho de 2009, após vários adiamentos. A nova previsão de entrega é janeiro de 2010. Como o senhor avalia esses atrasos na construção do metrô de Salvador já que, como o senhor mesmo frisou, as verbas federais estão à disposição? As falhas e irregularidades apontadas pelo TCU devem ser debitadas aos empreiteiros ou à Prefeitura?

Presidente: O Metrô de Salvador estava planejado para ser concluído em 2003, mesmo ano em que assumi a Presidência. No entanto, a obra enfrentava dificuldades por causa dos constantes contingenciamentos de recursos. Uma das primeiras medidas que adotamos foi colocar parte do empreendimento no Projeto Piloto de Investimentos, o que garantiu parte dos recursos e, em 2007, incluímos a obra no PAC, ou seja, a partir daí todos os recursos tornaram-se plenamente assegurados. Com essas iniciativas, nós fizemos a nossa parte, o que mostra nosso compromisso com o Metrô de Salvador. A empresa municipal CTS é a responsável pela execução do empreendimento e tem contrato firmado com um consórcio para a execução das obras. No período de dez anos, houve a necessidade de reelaboração do projeto básico e mudanças ocasionadas pelo próprio passar do tempo (traçado da cidade, métodos construtivos, etc.) em relação à licitação. Houve também questionamentos do TCU, mas a partir do final do ano passado, o consórcio concordou em dar continuidade às obras em ritmo normal e concluir as obras do trecho Lapa-Acesso Norte até outubro deste ano.

Jornalista: A política baiana tem assistido, desde a campanha eleitoral do ano passado, constantes tensões entre os dois maiores partidos de sustentação de seu governo, o PT e o PMDB, e entre seus principais líderes, o governador Jaques Wagner e o ministro Geddel Vieira Lima. O senhor acredita que a aliança entre PT e PMDB na Bahia será mantida nas eleições de 2010? Em que medida, um rompimento entre PT e PMDB no estado pode afetar as



iniciativas do governo federal na Bahia e a representação baiana no governo Lula?

Presidente: Uma resolução recente do Diretório Estadual do PT defende a manutenção da aliança nacional e da aliança estadual com o PMDB que, aliás, comanda duas secretarias no governo baiano. O PT da Bahia decidiu também que vai lançar Jacques Wagner à reeleição e negociar as candidaturas a vice-governador e as duas ao Senado, com o PMDB e outros partidos. É natural que no processo de construção da unidade haja momentos de tensão, mas eu estou convencido de que os companheiros do PT e do PMDB vão repetir no plano estadual o mesmo entendimento que existe no plano federal.

Jornalista: As desigualdades regionais têm sido tema constante na pauta de debates do governo e estarão novamente, nesta terça-feira, no centro da discussão do encontro do senhor com os governadores nordestinos. Quais as medidas efetivas que o governo federal está tomando e irá tomar para reduzir as desigualdades? O que será exigido dos governadores?

Presidente: Segundo o IPEA, em relação à redução da pobreza, o Brasil fez em cinco anos mais do que o restante da América Latina levou 15 anos para fazer. O número de pessoas pobres diminuiu em todas as regiões, sobretudo onde a pobreza era maior. Além de estarmos beneficiando populações de regiões tradicionalmente esquecidas pelo poder público, estamos direcionando grandes empreendimentos também para essas regiões – são estaleiros, refinarias, ferrovias, hidrelétricas, muitos dos quais, em outros governos seriam implantados em estados do centro-sul do país, aumentando as desigualdades. Mas, as diferenças regionais ainda são grandes, motivo pelo qual construímos com os governadores do Nordeste, o “Compromisso para acelerar a redução das desigualdades regionais”. Esse “Compromisso” tem por princípio fortalecer pactos já existentes, além de apoiar a articulação das ações com os Estados e



Municípios. Para isso, escolhemos as questões que causam mais impacto sobre a qualidade de vida das populações: redução do analfabetismo, redução da mortalidade infantil, erradicação do sub-registro civil e fortalecimento da agricultura familiar. Vamos trabalhar em parceria, de mãos dadas, sem levar em conta as diferenças partidárias, para que tenhamos um país cada vez menos desigual e mais humano.

Jornalista: O PIB do Brasil levou um tombo, as previsões de crescimento encolheram e economistas dizem que o pior da crise econômica mundial ainda está por vir. O senhor ainda é otimista? Como o senhor acha que a economia vai se recuperar ainda em 2009 para que o PIB cresça acima de 4%? O que precisa ser feito no Brasil para minimizar os efeitos da crise?

Presidente: Nós temos plenas condições de enfrentar esse período de turbulências porque nossa economia é um edifício que se apóia em fundações muito sólidas. Temos um volume de reservas em torno de US\$ 200 bilhões, que não foi abalado com a chegada da crise; somos grandes exportadores de alimentos, que nenhum país pode deixar de comprar; ao contrário de outros países, nosso sistema bancário é saudável; nossos bancos estatais estão fortes e atuando na oferta de crédito, promovendo uma política anticíclica; nosso mercado interno se fortaleceu muito, sobretudo com a entrada de 20 milhões de pessoas na classe média; enquanto nos EUA, a dívida pública representa 70% do PIB, no Brasil, a dívida caiu para apenas 35%; temos abundância de energia de várias modalidades, tanto de fontes não-renováveis quanto de fontes renováveis, e dominamos as tecnologias de exploração; além de vários outros dados positivos. Em nenhum outro período da história, nosso país contou com mais condições para superar uma crise econômica. E os últimos indicadores conjunturais também são motivo de grande entusiasmo para todos nós. Em fevereiro, o emprego voltou a subir – o saldo positivo foi de mais de 9 mil empregos com carteira assinada. Outro indicador importantíssimo



foi divulgado pelo Operador Nacional do Sistema Elétrico – ONS: o consumo de energia, que revela o nível de atividade empresarial, subiu 0,7%. Ou seja, as medidas que adotamos para combater a crise já começam a surtir efeito, e estamos adotando várias outras, como é o caso do plano de construção de 1 milhão de moradias. Sem contar que, ao contrário de boa parte dos países, em que os juros já estão beirando 0%, nós ainda temos muita gordura para queimar e, com isso, estimular a retomada do desenvolvimento. Sobre as previsões de crescimento para este ano, estou convencido de que será positivo e posso garantir que vamos trabalhar seriamente para que seja o maior possível.

(\$31DHLK)